

ELEMENTOS FORMADORES DE UMA IDENTIDADE

Leomar Tesche¹

Resumos:

O texto que trouxemos auxilia no entendimento da vida cultural e étnica dos alemães no sul do Brasil. Os elementos que foram importantes na manutenção e preservação da cultura como a escola, a língua e a atividade física traduzida como Turnen.

Palavras-chave: *identidade, gerenciamento da identidade, fusão cultural*

Tenho estudado desde a década de noventa um grupo étnico que se estabeleceu no Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul. Este grupo étnico de procedência européia, de um país que não tinha sido organizado, não unificado. Trata-se dos alemães.

A ebulição migratória na Europa atingiu também o Brasil. Os motivos que levaram essas populações a emigrarem, na maioria das vezes, foram econômicos e em sua minoria os de perseguição político-religiosa, como os revolucionários de 1848 (os Brummer) e os habitantes da Alsácia - Lorena após 1870, em função do conflito entre a Alemanha e a França. Podemos também situar os motivos no desequilíbrio estrutural de certas sociedades da Europa. Willems² entende que a industrialização e a proletarização alteraram o status, sobretudo das camadas inferiores dessas sociedades, de modo a trazer-lhes perturbações do sistema tradicional de obrigações e compensações recíprocas. Mas a questão das primeiras levas de imigrantes foi um pouco diferente, nada fácil. Para estudos posteriores e mais profundos sobre essa questão, a obra de Oberacker Jr³ nos traz todo o encaminhamento da primeira corrente imigratória alemã para o Brasil, em 1824 - 1829.

Para contornar as tensões sociais provenientes do aumento demográfico a Alemanha, muito cedo, cedeu a esse fenômeno migratório. As imigrações aconteceram principalmente aos Estados Unidos já no século XVIII. Dos anos 1820 a 1890 os alemães totalizaram 30% dos imigrantes dos Estados Unidos. Até 1908 havia em torno de 30 milhões de alemães no exterior. “Na sua grande maioria esses alemães tinham assistência cultural da Alemanha, principalmente pelo envio de professores e através de auxílio às escolas”, segundo dados fornecidos por Kreutz⁴.

A imigração alemã no Rio Grande do Sul trouxe em torno de 200 mil alemães de diversas profissões e regiões. “Mas na sua grande maioria, agricultores da Pomerânia e do Hunsrück e o seu sistema econômico é o do pequeno agricultor”, completa Dreher⁵. As primeiras levas que entraram no Rio Grande do Sul, foram da região de Hamburgo, Holstein, Mecklenburg e Hanôver, com predominância de evangélicos (protestantes)⁶, segundo dados fornecidos por Kreutz⁷. Mas o elemento

¹ Prof. Dr. Curso de Educação Física Campus Santa Rosa-Unijuí-RS

² WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1980. p. 51.

³ OBERACKER, Carlos H Jr. *Jorge Antônio von Schaeffer*. Porto Alegre: Metrópole. 1975.

⁴ KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial*. Porto Alegre: Ufrgs/Ufsc, Educ, 1991. p. 13.

⁵ DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal. 1984. p.15.

⁶ Identificados como evangélicos, luteranos e protestantes. Conforme Witt, “...considerando-se a perspectiva histórica, a designação de protestante para os que pretendiam a reforma da Igreja, está ligada aos acontecimentos durante a Dieta Imperial Alemã em Speyer, em 1529. Naquela oportunidade, os príncipes alemães que tinham aderido à Reforma ergueram um protesto frente à tentativa de decretar a proibição da continuidade do movimento. Desse modo, os luteranos e outros defensores da Reforma

peculiar é quanto à organização sócio-cultural e religiosa, formando grupos homogêneos e construindo o seu mundo físico-social muito ao estilo da terra de origem, mantendo a língua, os costumes e organizações típicas da sua terra natal. É aquilo que Kreuz⁸ afirma: “o de ter sido um dos raros casos em que imigrantes se estabeleceram na terra de adoção com um grau muito elevado de transplante cultural”.

Ribeiro⁹, ao analisar a região Sul do Brasil, destaca que os imigrantes/descendentes sendo brasileiros como os demais, não saberiam viver nas pátrias de seus pais e avós. E porque são brasileiros, as suas lealdades fundamentais diferenciam-se da população na maneira de participar “na sociedade nacional”. O que os distingue é o bilingüismo, usando um idioma estrangeiro no seu cotidiano, muito dos hábitos que ainda mantêm identificando-os com sua origem principalmente no seu modo de viver. “A linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e, portanto, existe também para mim mesmo; e a linguagem nasce como a consciência, da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens”, registram Marx e Engels¹⁰.

O projeto de colonização com pequenos proprietários, pensado pelo governo imperial e implementado na Feitoria do Linha Cânhamo, deu início à colônia de São Leopoldo, o primeiro de uma série de núcleos coloniais disseminados pela Província de São Pedro. Estes núcleos, que fomentavam o reerguimento e desenvolvimento da agricultura no Rio Grande do Sul, contribuíram decisivamente para a organização do espaço.

Deve-se levar em conta que em sua totalidade a imigração alemã não é sinônimo de colonização, pois não se restringiu ao estabelecimento de núcleos de pequenos proprietários rurais. Para Ribeiro¹¹, a primeira geração de imigrantes enfrentou a dura tarefa de subsistir, enquanto abriam clareiras na mata selvagem, enfrentando, por vezes, índios hostis; de construir suas casas e estradas, vivendo uma existência trabalhosa e severa. Também houve uma imigração que se dirigiu a núcleos urbanos de origem lusa. Exemplificando, Porto Alegre passou a ter uma expressiva comunidade alemã integrada por comerciantes e artesãos, cujo crescimento pouco teve a ver com o desenvolvimento dos núcleos coloniais. Está aí uma grande contribuição ao processo de urbanização no Rio Grande do Sul, como fator de uma modernização.

As razões que levaram o governo imperial a fomentar e financiar esse projeto é de que já havia uma antiga intenção nesse sentido, podemos confirmar nas afirmações de Porto¹²:

Vem de longe, de épocas bastante afastadas, a idéia, mais tarde posta em execução, de colonizar o extremo sul, na falta de casais de ilhéus, com elementos oriundos de países estrangeiros. Quando, em 1725, interessou-se o governo da metrópole pela fundação do Rio Grande do Sul, para qual se

passaram a ser conhecidos como protestante. WITT, Osmar. *Por que os luteranos são chamados de protestantes?* Jornal Evangélico: Porto Alegre. Julho de 1999. Ano 27. N.º 622, p. 8. Para complementar utilizo a explicação de Arendt, Isabel Cristina na sua Tese de Doutorado:...a expressão “evangélico-luterano” designado a pessoas ou entidades, como as escolas evangélicas, ligadas ao Sínodo Rio-grandense e/ou a comunidades evangélicas, relacionadas ao que atualmente é a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil-IECLB. Desde 1910, com o advento do Pentecostalismo, o conceito “evangélico” vem sendo aplicado sempre mais a este grupo. Faz-se, pois, necessária essa distinção.

⁷ KREUTZ, (1991). Op. cit. p. 17.

⁸ KREUTZ (1991). Op. cit. p.13.

⁹ RIBEIRO, Darcy. (1996). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras. p. 426.

¹⁰ MARX, K; ENGELS, F. (1989). *A ideologia alemã (Feuerbach)*. Tradução: José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec. 7ª. Edição. p. 43.

¹¹ RIBEIRO (1996). Op. cit. p. 438.

¹² PORTO, Aurélio. (1934). *Trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Santa Terezinha. p. 35.

havia mandado João de Magalhães estabelecer povoação, tratou logo o Conselho Ultramarino, em suas consultas, de sugerir a el-rei a remessa de açorianos para a nova terra que se ia fundar. Objetaram-se, porém, certas dificuldades a fim de recrutar o número de casais dessa origem, para a colônia, e em seu despacho de 22-7-1729, achou o Conselho conveniente que se não instalando no sul, nas povoações da colônia, e outras, casais de Ilhéus, e quando estes forem insuficientes, se podiam conseguir casais estrangeiros, sendo, alemães ou italianos e outras nações, que não sejam castelhanos, ingleses, holandeses e franceses.

Apenas a partir da resolução de 31-3-1824 é que houve a concretização do projeto, destaca Piccolo¹³:

Esperando-se brevemente nesta Corte uma colônia de alemães, a qual não pode deixar de ser reconhecida de utilidade pública para este Império, pela superior vantagem de se empregar gente branca e industriosa, tanto nas artes como na agricultura, e constando a Sua Majestade o Imperador que o terreno em que se acha o estabelecimento da Linha Cãnhamo, na Província de São Pedro, é o mais apropriado para nele se estabelecerem os alemães...

Além da pressão inglesa contra o tráfico negro, não podemos nos esquecer de que toda a conjuntura da implantação da colônia de São Leopoldo era a do pós-independência; colocando a questão político institucional: a construção do Estado Nacional no Brasil e dentro dessa questão a cidadania.

A questão do projeto de imigração alemã não estava apenas envolvida na economia, mas sim no branqueamento¹⁴ da sociedade, integrando o universo ideológico da elite social e política brasileira. Era visto como necessidade e a imigração alemã deveria ajudar a supri-lo. Ribeiro¹⁵ também concorda com essa idéia sobre o projeto de branqueamento, na sua afirmação de que “a população gringa resultante do empreendimento da colonização branqueadora ocupa, hoje, uma vasta ilha nos centros dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul”.

O Império objetivava fazer dos imigrantes alemães cidadãos brasileiros, mas na prática a sua integração na vida política regional, ou até mesmo nacional, não foi facilitada. Aliás, o Império simplesmente deixou de lado esses imigrantes e com isso eles tiveram que construir o seu mundo, as suas vidas sozinhos. Piccolo¹⁶ realça que “o processo de construção do Estado Nacional articulado no Brasil durante o período Imperial, não só foi elitista como também excludente”.

Para Rambo¹⁷, a base que regia as relações no mundo comunal do imigrante alemão encontrava-se na pequena propriedade, onde a família garantia a sua subsistência, comprometendo todos os membros a um pacto tácito de engajamento mútuo. Isto se estendia num segundo plano para os vizinhos, com os quais se mantinha

¹³ PICCOLO, Helga. *Os alemães que viraram gaúchos*. Zero Hora, Porto Alegre, 23-7-1994. Caderno Cultura especial, p. 3.

¹⁴ Maiores detalhes sobre esse processo ver em: SEYFERTH, Giralda.(1998). Construindo a nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. p. 41 - 58. 1ª reimpressão. IN: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura.(Org). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz. SEYFERTH, Giralda. (1999). Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. p. 199 - 228. IN: PANDOLFI, Dulce. (Org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

¹⁵ RIBEIRO (1996). Op. cit. p. 437.

¹⁶ PICCOLO, (1994). Op. cit. p.3.

¹⁷ RAMBO, Artur Blásio. *Os alemães que viraram gaúchos*. Zero Hora, Porto Alegre, 23-7-1994. Caderno cultura especial, p.7.

um compromisso de solidariedade, sem prejuízo da total autonomia sobre a propriedade e seu gerenciamento. Weber¹⁸ destaca essa questão quanto à

maior ou menor facilidade do nascimento de uma comunidade de intercâmbio social (no sentido mais amplo possível da palavra) está vinculada a aspectos extremamente exteriores das diferenças no modo de viver habitual, ocasionadas por alguma casualidade histórica, assim como à herança racial.

A escola e a educação, sendo prioridades, constituíram-se num terceiro fator de integração comunal. Os imigrantes tiveram nela um dos elementos mais importantes do seu mundo. O quarto foco polarizador e fundamental foi a Igreja e seus cultos; muito religiosos, os imigrantes encontravam neles uma grande parte da sua razão de ser. Numa autêntica comunidade teuto-brasileira não faltavam associações, clubes, sociedades, nos quais se praticava o lazer e o esporte, se cantava e fazia teatro.

Weber¹⁹ apresenta outras indicações sobre esse assunto, quando para ele

(...) os efeitos da adaptação ao habitual e as recordações da juventude continuam atuando nos imigrantes, como fonte do “sentimento de apego à terra natal”, mesmo quando estes se adaptaram tão completamente ao novo ambiente que um retorno ao país de origem lhes seria insuportável (como ocorre com a maioria dos alemães na América). Nas colônias, a relação interna dos colonizadores para com o país de origem sobrevive até a fortes misturas com os habitantes locais e a consideráveis modificações tanto do patrimônio tradicional quanto do tipo hereditário.

Esse era o mundo que o imigrante alemão costumava chamar de “Heimat”, de terra natal, o mundo que o vira nascer, crescer, ficar adulto, envelhecer e em cujo chão pedia para ser enterrado. Mesmo e apesar do isolamento, “sabiam bem que aqui teriam de viver, tanto mudara seu país de origem e tanto haviam mudado eles próprios afastando-se dos padrões europeus, na linguagem e nas aspirações”, afirma Ribeiro²⁰.

Muitas dessas bases de relações, elementos da tradição puderam ser perpetuados, outros tantos tiveram que ser substituídos, e a imensa maioria adaptada às novas circunstâncias. Portanto, um desses elementos da tradição que tratamos é o fator de integração comunal: a escola e a educação. Devemos nos lembrar de que esses imigrantes vivenciaram toda essa organização política e social da Alemanha para se tornar um Estado, conforme já mencionado anteriormente. Esses imigrantes vieram de diversas regiões da Alemanha, por isso as características sócio-culturais também são diferenciadas. No sul, alerta Willems²¹, os processos de fusão cultural subsequente faziam com que as formas culturais do Hunsrück absorvessem as demais, deixando assim a impressão de uma homogeneidade que a princípio não existira. Portanto, não será fácil esclarecer todos os aspectos sócio-culturais como se fossem simplesmente uma coisa só. Analisamos os acontecimentos do sul do Brasil baseados nos acontecimentos da Alemanha do século XIX e no transplante cultural, através de um dos seus instrumentos de comunicação, discussão e orientação que é o jornal. Ainda para Willems²², “os imigrantes germânicos abandonam uma cultura em plena mudança e, em grande parte, por causa dessa mudança”.

¹⁸WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução: Johannes Winckelmann. 3ª edição. Brasília: Unb, 1994, p. 269.

¹⁹WEBER (1994). Op. cit. p. 270.

²⁰RIBEIRO (1996). Op. cit. p. 439.

²¹WILLEMS (1980). Op. cit. p. 38.

²²WILLEMS (1980). Op. cit. p. 31.

Quando, em estudos anteriores²³, tratamos de analisar uma das características do teuto-brasileiro, a de viver em sociedade, em clubes, e nesses locais conviver com pessoas e lá praticarem o *Turnen*, o qual era constituído do lazer, da prática de exercícios físicos, do coral, do teatro, da prática da esgrima, entendemos que essa prática era uma das maneiras de preservar a identidade étnica, somada a importância dada a educação.

Seyferth²⁴ entende identidade étnica como a que está relacionada

à idéia de germanidade, apresentando todas as características de uma ideologia étnica. É um grupo cuja ideologia étnica se orienta a partir de representações tomadas de uma concepção nacionalista, ou seja, aquela que foi introduzida na comunidade através de determinadas instituições consideradas alemãs como a imprensa, a escola, as sociedades de tiro, a Igreja Evangélica.

Para esta discussão tenho utilizado publicações de artigos em jornais, os quais tratam sobre as questões de identidade e cultura entre os elementos do grupo teuto-brasileiro e de alemães. É sabido que no transcorrer dos anos esta discussão tem dado elementos para que possamos entender melhor o que se passava e como era a vida dos teuto-brasileiros e dos alemães. A pergunta principal é a de que como este grupo não se inseriu de imediato na cultura brasileira? Em continuidade, como sobreviveu afastado dos grandes centros? Trago aqui uma afirmação de Altmann²⁵ que esclarece de uma forma o que se passou, ou seja:

Além das associações escolares e das comunidades religiosas, os colonos não esqueceram o lazer. Cedo fundaram sociedades de canto, tiro ao alvo e ginástica. Era um pouco como minha avó escreveu aos irmãos na Alemanha e nos Estados Unidos: ‘Temos vivido em plena floresta no Brasil como pequenos reis, livres e independentes. O governo não nos ajuda nem nos atrapalha’.

O entendimento de cultura para este grupo está mais esclarecido em Fenelon²⁶ apud Leach que são:

No geral passa a ser entendida como produção e criação da linguagem, da religião, dos instrumentos de trabalho, das formas de lazer, da música, da dança, dos sistemas e relações sociais e de poder. Nesse caso, a cultura passa a ser também o campo no qual a sociedade inteira participa elaborando seus símbolos e signos, suas práticas e seus valores, o que ainda constitui debate importante entre os antropólogos, levando questões conceituais na teorização sobre cultura e suas investigações

Para Poutignat e Streiff-Fenart²⁷ o conteúdo cultural das dicotomias étnicas parece ser analiticamente de duas ordens, ou seja:

- 1º) sinais ou signos manifestos - os traços diacríticos que as pessoas procuram e exibem para demonstrar sua identidade, tais como o vestuário, a língua, a moradia, ou o estilo geral de vida;
- 2º) orientações de valores fundamentais - os padrões de moralidade e excelência pelos quais as ações são julgadas.

²³ TESCHE, Leomar. A Prática do Turnen entre Imigrantes Alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867 – 1942. Ijuí: Ed.Unijuí, 1996.

²⁴ SEYFERTH, Giralda. (1982). *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC. p. 3-12

²⁵ ALTMANN, Friedhold. (1991). *A Roda. Memórias de um professor*. São Leopoldo: Sinodal, p. 26.

²⁶ FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: Projeto História. PUC/SP. Nº. 10. São Paulo: Dezembro de 1983, p.73 - 90

²⁷ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. (1998). *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: Unesp. p. 194.

Outra discussão que trago para o nosso texto é o de Greverus²⁸. A autora discute sobre etnicidade e o gerenciamento da identidade sobre os movimentos atuais, mas que de uma forma pode nos auxiliar a entender o período em discussão. Para ela o termo “gerenciamento da identidade ou gerenciamento identitário” se expressa mais incisivamente o aspecto organizacional, incluindo as constelações de manipulação e dependência dos “gerenciados”. O gerenciamento identitário visa à confirmação, defesa e melhoria de uma identidade: neste caso, de uma identidade étnica. Entretanto, neste caso muitas vezes não se trata da ameaça da identidade étnica, mas de fenômenos sociais bem diferentes, que visa consolidar ou superar com a ajuda da etnicidade. Neste caso específico haviam acontecido dois momentos claros: o primeiro quando do discurso do Brummer²⁹ e o segundo em relação às publicações do jornal Geral para o professor no Rio Grande do Sul. Portanto, os elementos provocativos que trouxemos neste texto deixam claro como o estrangeiro e seus descendentes tiveram que administrar sua vida cultura e identitária ao longo dos anos e como que tiveram que ceder no aspecto cultural.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN, Friedhold. *A Roda. Memórias de um professor*. São Leopoldo: Sinodal, 1991
- DREHER, Martin N. *Igreja e Germanidade*. São Leopoldo: Sinodal. 1984.
- FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa. In: Projeto História. PUC/SP. Nº. 10. São Paulo: Dezembro de 1983, p.73 - 90
- GREVERUS, Ina-Maria. Ethnizität und Identitätsmanagement. Schweizerische Zeitschrift für Soziologie., n.7, p.223-232,1981
- KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial*. Porto Alegre: Ufrgs/Ufsc, Educ, 1991
- OBERACKER, Carlos H Jr. *Jorge Antônio von Schaeffer*. Porto Alegre: Metrópole. 1975.
- MARX, K; ENGELS, F. (1989). *A ideologia alemã (Feuerbach)*. Tradução: José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec. 7ª. Edição.
- MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura.(Org). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- PICCOLO, Helga. *Os alemães que viraram gaúchos*. Zero Hora, Porto Alegre, 23-7-1994. Caderno Cultura especial, p. 3.
- PORTO, Aurélio. (1934). *Trabalho alemão no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Santa Terezinha. .

²⁸ GREVERUS, Ina-Maria. Ethnizität und Identitätsmanagement. Schweizerische Zeitschrift für Soziologie., n.7, p.223-232,1981

²⁹ Termo discutido em TESCHE, Leomar. O Turnen, a Educação e a Educação Física nas Escolas Teuto-brasileiras no Rio Grande do Sul 1852 - 1940. Ijuí: Editora Unijuí, 2002, p.130.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Tradução: Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

RAMBO, Artur Blásio. *Os alemães que viraram gaúchos*. Zero Hora, Porto Alegre, 23-7-1994. Caderno cultura especial, p.7.

RIBEIRO, Darcy. (1996). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.

SEYFERTH, Giralda. (1982). *Nacionalismo e identidade étnica*. Florianópolis: FCC.

SEYFERTH, Giralda.(1998). *Construindo a nação: Hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização*. 1ª reimpressão.

SEYFERTH, Giralda. (1999). *Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo*. p. 199 - 228. IN: PANDOLFI, Dulce. (Org). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

TESCHE,Leomar.A *Prática do Turnen entre Imigrantes Alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867 – 1942*. Ijuí: Ed.Unijuí, 1996.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Tradução: Johannes Winckelmann. 3ª edição. Brasília: Unb, 1994.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. 1980

WITT, Osmar. *Por que os luteranos são chamados de protestantes?* Jornal Evangélico: Porto Alegre. Julho de 1999. Ano 27. N.º 622, p. 8.